

OFICINA DO HISTORIADOR ENTREVISTA RODRIGO PATTO SÁ MOTTA



Graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), Mestrado em História pela mesma instituição (1993) e Doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2000). Realizou estudos de pós-doutorado e atuou como professor-pesquisador visitante na Universidade de Maryland (2006-2007), e como Professor visitante na Universidad de Santiago de Chile (2009). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do CNPq. As publicações mais relevantes são os livros: *“Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil”* (2002) e *“Jango e o golpe de 64 na caricatura”* (2006).

Oficina do Historiador - *Quando começou seu interesse por história política?*

Rodrigo Patto Sá Motta: O meu interesse começou quando optei por fazer História. Desde o início da graduação eu senti uma inclinação muito forte pela política e pelos fenômenos do poder. Isso sempre foi o que mais me interessou. Inicialmente, por exemplo, um tema que me interessava – e continua interessando – é a história da guerra. Inclusive eu leciono muito sobre isso, porque eu sou professor de história contemporânea. Inicialmente, na graduação, em uma das primeiras pesquisas que eu fiz de iniciação científica e até mesmo na do mestrado, eu trabalhei com história política a partir de um viés que chamo de “clássico”. História da guerra, das instituições, história de partidos. Isso até hoje. O que mais instiga minha curiosidade é o fenômeno do poder, como o poder político é exercido, como é construído, como é disputado... E, agora, me interessa, também, ver como a questão do poder político é representada em termos visuais, por exemplo. Então, desde o início isso era o que me instigava na História. Só que, na época da minha graduação, ainda vigorava, de maneira geral, no Brasil, a sensação de que a história política era um campo

atrasado, um campo tradicional. Na minha graduação, a sensação que eu tinha era de que o objeto que me atraía era um objeto impopular no campo da historiografia. Na época em que fiz a graduação e me transferei para o curso de História (o curso de origem era Administração), em 1986, o que estava na moda era a história social, a história do movimento operário ou, então, a história da escravidão. Nem era ainda o período da história cultural. Daí, com os temas que me agradavam, eu percebi um problema: eles não eram os mais populares. Mas, enfim, eu resolvi investir nisso assim mesmo e, por sorte minha, houve uma mudança e, alguns anos depois, a história política começou recuperar seu prestígio.

Oficina do Historiador – *O que é mais importante quando se pesquisa história política no Brasil?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Acho que há várias coisas importantes, mas algumas coisas vale enfatizar. A primeira delas é compreender a construção do Estado brasileiro; a construção de um Estado que, em geral, é percebido como um estado autoritário, como um estado excludente. É, então, importante investir na compreensão

do Estado brasileiro. Outro aspecto interessante me parece ser a questão da identidade nacional; que é uma construção política também: construir uma sensação de pertencimento a uma mesma nação, a mesma nação e ao mesmo Estado – isso é um processo político. E o caso brasileiro é muito instigante porque nós temos uma nacionalidade peculiar. Primeiro porque nos separamos de Portugal de uma maneira, digamos, meio negociada, meio transacional. Não é uma ruptura com os portugueses como, por exemplo, os americanos fizeram com a Inglaterra. Então tem essa questão da identidade portuguesa, da qual, inicialmente, não nos afastamos tanto. O outro aspecto é a questão étnica: africanos, índios, portugueses, europeus. Essa questão da identidade é um tema cuja pesquisa deve partir do e transcender o famoso mito das três raças – de que essa mistura teria gerado um resultado harmônico. Hoje acho que ninguém duvida que o resultado não seja harmônico. A identidade brasileira é muito complexa, é um tema ainda a ser pesquisado. E outro aspecto que me interessa muito é a questão da cultura política, um conceito, uma abordagem da política que me interessa muito e que eu tenho tentado investigar nos últimos anos em busca de encontrar melhor compreensão do comportamento político dos brasileiros. Eu acho que o conceito de *cultura política* pode ser muito interessante, porque ele cruza o político com o cultural; cruza a disputa pelo poder e os projetos políticos mais efetivos com a mobilização de valores e de crenças. Então é um território que eu acho bastante interessante.

Oficina do Historiador: *Quais são os cuidados mais importantes que um pesquisador deve ter quando lida com História Política; quais são as ressalvas mais importantes?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Eu acho que os cuidados devem ser os mesmos dos outros campos da História. Ter cuidado com o uso de fontes e ampliar o máximo possível o cuidado crítico. Acho que, na história política, um cuidado – que todo o historiador deve ter, mas, nesse caso, mais ainda – é não confundir História com memória; manter a abordagem do historiador, que é a abordagem crítica, que implica certo distanciamento do tema e evitar as tentações e as seduções da memória; que podem levar à apropriação, pelo historiador, de alguns discursos da memória e a transformá-los em discursos da história. Isso é um risco, uma possibilidade muito grande quando se trata de história política recente, principalmente. Nós temos aí discurso de memória que concorre com o discurso da historiografia. Esse é um cuidado que se deve tomar. De maneira geral, a postura do historiador da política ou do político não é diferente da do historiador que se dedica a outros campos. Acho que deve haver um compromisso ético com a busca da verdade; embora eu ache que a verdade é inalcançável; creio não ser possível a verdade entendida como representação perfeita da realidade. Mas acho que o historiador não pode abrir mão dessa tentativa, dessa pretensão de alcançar a verdade. E deve ter, portanto, um olhar crítico em relação às suas fontes e não aceitar qualquer representação como uma expressão da verdade porque, se não é possível chegar à Verdade com “V” maiúsculo, não devemos aceitar qualquer verdade como igualmente aceitável, porque há representações do passado que são manipulações, falsificações e, em muitos casos, invenções que cabem ao historiador criticar. E há outras representações que nos dizem mais sobre a realidade, que são mais aceitáveis como discursos sobre a verdade – no nosso caso, sobre o passado, sobre o registro dos homens no tempo. Então,

penso que esse compromisso ético com a busca pela verdade nós devemos manter, embora sem a ingenuidade cientificista de achar que é possível uma afirmação peremptória sobre a verdade.

Oficina do Historiador: *O que o levou a pesquisar os movimentos conservadores e direitistas no Brasil?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Isso é interessante. Inicialmente, a minha intenção no doutorado era fazer uma pesquisa sobre a esquerda, sobre o partido comunista. Mas eu mudei de idéia ao perceber que havia muitos estudos sobre a esquerda e havia poucos estudos sobre a direita. E, então, eu tive um lampejo: pensei “por que não ao contrário; eu estou querendo estudar o comunismo, por que eu não estudo o anticomunismo?”. Essa idéia se instalou na minha cabeça. Na verdade eu já era aluno do doutorado da USP; entrei na USP com um projeto para estudar o partido comunista durante a ditadura. Mas, alguns meses depois de ter entrado, eu conversei com a minha orientadora (Suely Robles) e falei “olha, eu estou pensando em mudar para o anticomunismo” e ela, muito flexível, concordou. Ela achou que era viável e eu comecei a pesquisar. E foi muito interessante porque eu tinha uma visão da direita muito simplória; uma visão herdada da cultura de esquerda da qual, aliás, eu era parte. E ao começar a pesquisar a direita, os conservadores, eu comecei a perceber a complexidade do pensamento de direita. Inclusive, para a minha surpresa, eu comecei a perceber que a direita tinha muita gente inteligente, muitos autores sofisticados que conheciam bastante a esquerda, que liam os marxistas. Então eu comecei a investigar a direita e encontrei um universo muito fascinante. E comecei a perceber a influência do pensamento de

direita no Brasil, como em outros lugares. Eu fui analisar a direita, inicialmente, com uma perspectiva pouco ambiciosa. A minha intenção inicial era fazer uma pesquisa sobre o anticomunismo e, à medida que eu fui me enfronhando nisso, fui percebendo um universo bastante interessante e fui me dando conta da influência disso na história brasileira e do impacto que teve na história política brasileira. E o meu interesse, tanto pela direita, quanto por uma das expressões da direita, que é o anticomunismo – meu interesse principal era entender o efeito disso na política, o efeito disso na dinâmica política, no Estado, no debate público, eleições, golpes...

Oficina do Historiador: *E o que o levou a pesquisar as representações?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Fui pesquisar as representações para entender o universo mental da direita, os valores divulgados pela direita. Estudar as representações foi importante para perceber que o que move a direita não é apenas a defesa de privilégios sociais ou a defesa da propriedade privada, por exemplo – que é muitas vezes a visão que se tem: que à direita se trata apenas de defender a propriedade. Ao estudar melhor a direita e o universo das suas representações a percepção é que o quadro é mais complicado. Muita gente se alia ao campo conservador em defesa da religião, por exemplo – da religião católica. Muita gente se tornou conservador simplesmente por fé, por achar que o comunismo é execrável e que o comunismo vai destruir a Igreja. Não são pessoas que estão em defesa de propriedade, pois muitas vezes nem a têm, mas têm uma ligação visceral com a religião e isso define o seu posicionamento político conservador ou à direita. Então estudar as representações da direita descortina um universo bem mais amplo

para a compreensão da motivação política. Outro tema interessante é a nação – a defesa da nação, a defesa da pátria – que é um valor, cultural e político ao mesmo tempo, que moveu muita gente na direção da direita. Muita gente achou que a ameaça da esquerda implicava o risco de destruição da pátria. E isso inspirou muita dedicação à direita. Estudar as representações permite uma compreensão mais ampla dos valores e do que move o comportamento conservador e também outros comportamentos – já que, na verdade, com a esquerda é a mesma coisa: muitas vezes a orientação socialista tem muito mais a ver com valores, crenças que os cidadãos têm, do que com a defesa de interesses.

Oficina do Historiador: *A que um jovem pesquisador deve atentar em termos metodológicos e teóricos quando visa como objeto de estudo as representações políticas?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Acho que uma coisa interessante de se chamar a atenção é tentar evitar o estudo das representações encerradas em si mesmas e sem uma preocupação de se observar o impacto delas no universo da política. Isso é uma orientação que eu aplico e que, aliás, tem relação com a origem da minha pesquisa, em que eu comecei estudando instituições e depois fui estudar representações também. Ao estudar representações eu não abri mão de entender as instituições políticas, os eventos e as disputas políticas. Então eu acho que uma boa atitude teórica é pensar sempre em que medida as representações têm impacto sobre a realidade, sobre a dinâmica política. Ao mesmo tempo em que a dinâmica política influencia a construção de representações. Eu vejo como um jogo de mão dupla: no qual representações constroem ações, e ações também

constroem representações. O cuidado teórico que eu acho que se deve observar é nunca pensar nas representações como algo que esteja distanciado da realidade. E acho que isso acontece em alguns estudos. Acho que há uma vertente da história cultural que trata representações como se pouco importasse a dinâmica social e a dinâmica política, como se as representações fossem etéreas, fossem descoladas do mundo real. Esse debate teórico é mais complicado, mais complexo do que isso. No formato entrevista não dá para aprofundar muito, mas eu diria para ter esse cuidado de ter um olhar para as representações em contraste com a realidade. Mas não quero dizer que é uma operação simples, “realidade constrói representações”. Muitas vezes é o contrário, muitas vezes são as representações que constroem a realidade. Mas o que eu digo é: deve-se tentar não perder a dimensão das duas coisas. Quando eu trabalho com imagem eu quero saber qual impacto essas imagens terão, como elas vão ser compreendidas e como isso vai afetar a dinâmica política, a disputa pelo poder, etc.

Oficina do Historiador: *Quais são as dificuldades em se pesquisar o governo de João Goulart e a ditadura civil-militar brasileira?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Acho que a dificuldade maior é a daquele campo, que eu já mencionei, do embate entre história e memória. É um terreno muito próximo de nós, que mobiliza, ainda, muitas paixões; mobiliza pessoas que viveram no período e implica um enfrentamento com uma memória muito forte e muito presente. O grande desafio me parece ser este: como encontrar uma boa sintonia, uma boa medida para a pesquisa acadêmica – voltada para um olhar mais crítico, mais distanciado, que lida com um tema político

muito candente e que têm implicações atuais no que toca a construção de um estado democrático, a consolidação da democracia, projetos de esquerda e direita que estão ainda em vigor. A grande dificuldade é que é um tema muito polêmico. Um historiador que se dedica a isso, inevitavelmente, entra em algumas disputas, entra em algumas brigas. Mas é interessante que nós temos, para esse tema, uma infinidade de fontes documentais, uma infinidade de possibilidades de pesquisa; o que caracteriza a situação brasileira como muito positiva. Se compararmos com os nossos colegas argentinos e chilenos, por exemplo, ou uruguaios, eles têm uma dificuldade de acesso à documentação que nós no Brasil não temos. Temos uma situação muito melhor, embora ainda existam acervos militares fechados à pesquisa. Nós temos um grande volume de documentação a ser explorada e essa pesquisa está apenas sendo iniciada. É um campo polêmico, mas, ao mesmo tempo, fascinante e com possibilidades muito grandes a serem exploradas no futuro.

Oficina do Historiador: *O que falta abordar sobre o governo João Goulart e sobre o golpe de 1964? Que problemas poderiam ser levantados?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Têm várias coisas aí. Algumas já estão sendo pesquisadas por algumas pessoas. Por exemplo, estudar as políticas do regime militar. Eu, por exemplo, estou estudando a política educacional. Mas é importante estudar a política cultural, estudar melhor as políticas econômicas do regime militar, estudar os impactos sociais, estudar o aparato político, estudar as bases políticas do regime militar. Estudar melhor a ARENA, que é um tema que tem sido pesquisado, mas ainda muito pouco – em nível regional, por exemplo, quase nada. Estudar melhor a relação dos militares com os civis, o apoio que os militares tiveram

dessa elite político-partidária, e também de outros grupos civis, como os empresários. E quanto ao golpe de 1964, ainda falta compreender melhor a participação da esquerda, quais eram de fato os projetos da esquerda em 1964, a natureza da aliança do presidente Goulart com os grupos de esquerda – que é um tema, ainda, não completamente esclarecido; talvez nunca seja, são temas que não sei se serão possíveis de se estudar, não sei se haverá documentação suficiente. Mas são temas importantes, ainda a serem trabalhados. Enfim, há uma série de questões a serem estudadas; sobretudo sobre o regime militar, pois pouco foi utilizado dos documentos que estão disponíveis.

Oficina do Historiador: *Você poderia explicar, a partir de sua experiência, o emprego de charges, caricaturas e fotografias como fontes?*

Rodrigo Patto Sá Motta: Uma peculiaridade que deve ser considerada é o fato de a fotografia ser uma imagem mais próxima do seu referente. A fotografia possui, como muitos teóricos destacam, uma natureza indicial. A fotografia é um índice da realidade. Ela tem uma relação de contigüidade com a realidade. A fotografia é feita a partir de um estímulo químico no qual um determinado suporte registra uma imagem que está à frente da câmera. O papel sensível ao registro químico faz um registro daquela imagem e, por tanto, há uma relação de contigüidade. Uma relação muito forte entre a representação no papel e a cena que está sendo representada. A fotografia é uma das imagens com maior efeito de realidade. Embora a fotografia não seja uma perfeita representação da realidade, porque nada é representação perfeita da realidade. Mas, como imagem, a fotografia é a que mais se aproxima da realidade. Já a charge é uma representação do mundo, por sua natureza, deformada. É da natureza da caricatura a deformação, inclusive raiando, eventualmente, ao grotesco – sobretudo para obter o efeito cômico. O efeito cômico só funciona, no caso da charge e da caricatura, se houver

uma deformação. Então, para ter graça, o político tem que ser registrado com as orelhas maiores, com o nariz maior, com a cabeça grande. Enfim, a charge implica a deformação do referente. Então há uma diferença grande de natureza entre essas duas imagens que dá ao chargista, na minha opinião, uma liberdade muito grande, o que o fotógrafo não tem. O fotógrafo pode compor uma cena, pode mandar alguém fazer uma pose, pode enquadrar uma imagem deixando de fora alguma coisa. Mas, embora ele tenha essa possibilidade de manipular a fotografia, ele não tem tanta liberdade quanto um chargista, que tem na sua frente um papel em que ele registra o que bem quiser; embora a charge respeite algumas convenções. Para funcionar bem, uma charge mobiliza uma tradição de representação gráfica, usa determinados símbolos tradicionais, metáforas, inclinação de olho, de boca, de sobrelha, para poder obter certos efeitos – isso tudo tem uma convenção, tem uma certa codificação. Mas a charge tem mais liberdade, porque ela pode colocar uma cena insólita que uma fotografia não poderia colocar. Pode colocar um presidente da república com orelha de burro. São imagens de natureza diferenciada. E, claro, outro aspecto é que a linguagem específica da charge é a crítica humorística, é o uso da comicidade – que a fotografia, eventualmente, pode, também, gerar, mas com muito mais dificuldade que a charge. Então são imagens que devem ser tratadas nessas especificidades, mas são imagens que se prestam muito bem ao trabalho do historiador da política porque nos revelam a possibilidade de estudar determinados temas e determinados contextos políticos com outro olhar. A fotografia nos ajuda a ver como determinados temas políticos são representados, por exemplo, pela grande imprensa, da mesma maneira que a charge nos permite acompanhar determinados debates políticos e a construção de argumentos de crítica política. O campo da esquerda, nos anos 60, elaborou a imagem do gorila como referência ao inimigo golpista, enquanto a direita elaborou a imagem do comunista como o adversário a ser perseguido. São representações visuais

que nos ajudam a estudar melhor o debate político, os conflitos políticos. E são, ainda, representações muito utilizadas nos dias atuais nos embates políticos – agora com a fotografia, com a charge e com os outros recursos visuais hoje disponíveis.

Oficina do Historiador: *Levando em conta sua produção sobre o assunto, você poderia discorrer um pouco mais sobre a importância de se trabalhar com caricaturas enquanto fonte de pesquisa, bem como sobre a dificuldade de interpretação das mesmas?*

Rodrigo Patto Sá Motta: A importância de se estudar caricaturas se dá porque em vários embates políticos elas foram um instrumento utilizado por agentes políticos, por movimentos, por partidos, para expressar as suas idéias e, sobretudo, para expressar os seus desafetos. A caricatura é uma linguagem política que funciona melhor como crítica, como ataque. Então, o estudo da caricatura nos ajuda a perceber como nos debates políticos mais aguerridos os atores políticos representaram o seu adversário; representaram o “outro”, representaram o seu inimigo. E isso, nos embates políticos, é muito importante, porque, muitas vezes, o cidadão, o eleitor, se define muito por chave negativa, contra alguma coisa, contra alguém. E aí o papel da construção caricatural é central, porque ela ajuda muito nessa construção do que não se quer, do adversário. Por exemplo, muitas vezes, no embate político, as pessoas se definem contra o comunismo ou se definem contra o *Tio Sam*, contra a influência norte-americana, contra o imperialismo americano e, para construção visual desse outro inimigo, a caricatura é um discurso muito propício, ela funciona bem para essa elaboração em chave negativa e, aparentemente, tem um potencial de popularização muito forte. Todos os movimentos políticos que almejam alcançar um público maior lançam mão, de uma maneira ou de outra, do discurso caricatural e – isso é interessante – mesmo nos dias de hoje, com toda a modernidade midiática, as caricaturas

continuam sendo produzidas em grande profusão. Nesse debate eleitoral, por exemplo, em alguns *sites* mais populares tem caricaturas quase diárias e, os grandes partidos fomentam, direta ou indiretamente, a produção de caricaturas, de um contra o outro, de crítica ao outro, promovem a ridicularização do adversário. É difícil avaliar, quantificar, o impacto do discurso caricatural na sociedade e no eleitorado. Mas o fato de os agentes políticos reiterarem tanto isso e acreditarem tanto nisso e investirem nisso, para mim, é um indicador de que o efeito existe – ou pelo menos de que a crença nele é muito forte, porque o investimento na caricatura continua bastante grande. E elas circulam; na Internet, por exemplo, nessa eleição de 2010, tem circulado muitas caricaturas, seja na forma visual do desenho estático, seja em forma de caricaturas interpretadas por determinados atores que encarnam personagens caricaturizando-os. Isso circula muito na Internet – caricaturas contra o José Serra, por exemplo, sobre o episódio da bolinha de papel. Foi produzido um número grande de caricaturas do Serra com bolinha de papel. Caricaturas da Dilma, críticas à Dilma pela sua suposta ligação com a esquerda radical. Críticas a candidatos estaduais – por exemplo, lá em Minas teve uma série de caricaturas arrasadoras contra o candidato Hélio Costa, e circulou bastante na Internet. Então é um recurso muito utilizado hoje e, com o advento da Internet, a possibilidade de circulação é muito maior, você não precisa comprar um jornal para ter acesso à caricatura, você pode ter acesso a todas elas acessando a rede. E isso é bem interessante, porque a caricatura é um recurso visual que tem setecentos anos, quinhentos anos e continua sendo usado, embora, agora, a partir de novos suportes tecnológicos.

Oficina do Historiador: *A forma como você caracteriza os partidos no livro “Introdução à história dos partidos políticos brasileiros” se aplica aos atuais?*

Rodrigo Patto Sá Motta: A forma como eu caracterizo os partidos se aplica sim,

porque o conceito que eu utilizo, ali, de partido é “partido é um grupo reunido em torno de um projeto de poder, um grupo que almeja o poder”. Essa reunião, esse grupo pode estar informado por um projeto ideológico mais claro, por um programa, ou pode não estar informado por um programa. Pode estar reunido, simplesmente, em torno de um líder, de uma referência com a qual as pessoas se identificam. Pode estar reunido em torno de um mito – o que reúne os partidos podem ser motivações diferentes, mas o que caracteriza a todos eles é o desejo pelo poder, de alcançar o poder. Muitos partidos só vão elaborar um programa depois que chegam ao poder e alguns tem um programa e quando chegam ao poder mudam o programa. O que caracteriza os partidos sempre foi essa vontade de poder; nesse sentido, os partidos atuais são como todos, não são diferentes em relação aos anteriores. Claro que há questões mais atuais sobre se nós temos partidos mais ou menos ideológicos, se há maior ou menor fisiologia, mas não há uma diferença essencial. O que eu acho interessante falar sobre o sistema partidário atual no Brasil é que ele caminhou para uma relativa estabilidade. Tem se estabilizado em torno de alguns partidos dominantes – no caso, sobretudo, do PT e do PSDB – e isso é uma tendência que já tem uns quinze anos. E, curiosamente, são, dentro do quadro partidário brasileiro, partidos que tem uma cara programática. O eleitorado consegue perceber, em ambos, partidos que tem projeto, tem programa de governo – à diferença de outros menores que permanecem atores menos influentes no cenário político.

Oficina do Historiador: *Quais são os seus futuros projetos de pesquisa?*

Rodrigo Patto Sá Motta: No momento eu estou terminando uma pesquisa sobre as políticas educacionais dos militares para as universidades, para a educação superior. É uma pesquisa que eu tenho desenvolvido nos últimos quatro ou cinco anos e em que mobilizei muitos arquivos – americanos e brasileiros. A pesquisa está basicamente

pronta e eu preciso escrever um livro – o que eu pretendo fazer no primeiro semestre de 2011. É um projeto que eu pretendo terminar agora e espero conseguir fazer no ano que vem. Ao par disso eu tenho feito pesquisas sobre imagem política – mais caricatura e agora um pouco de fotografia. Mas o projeto maior que eu vou começar assim que terminar esse livro é, novamente, sobre caricaturas. Minha intenção é investir nas caricaturas produzidas pela grande imprensa durante o regime militar a partir de 1964 até 1979 porque é uma maneira de ver como a grande imprensa se relacionou com os militares, pois se sabe que alguns jornais cooperaram, outros criticaram os militares. E é uma maneira de ver o funcionamento da censura e o efeito que a caricatura teve sobre a censura. Porque a caricatura tem uma característica interessante que é o fato de ela ser um discurso indireto e, muitas vezes, utilizando ironia é mais difícil de controlar. É mais difícil censurar a caricatura do que um texto verbal. Então, a minha hipótese é que talvez alguns jornais tenham mantido um discurso crítico usando a caricatura em momentos em que, no texto verbal, isso não era possível. Então eu queria verificar essa hipótese pesquisando os jornais dos anos 60 e 70. Minha intenção é começar essa pesquisa no segundo semestre de 2011.